

Arthur Valle  
Camila Dazzi  
Isabel Sanson Portella  
Rosangela de Jesus Silva

# Oitocentos

**Tomo IV**

*O Ateliê do Artista*

Rio de Janeiro  
CEFET/RJ  
2017

**Realização da Publicação**

CEFET/RJ  
UFRRJ  
UNILA  
Museu da República/RJ

**Organização**

Arthur Valle  
Camila Dazzi  
Isabel Sanson Portella  
Rosangela de Jesus Silva

**Projeto Gráfico e Editoração**

Luiz Henrique Pereira Peixoto

**Imagem da Capa**

“Ant. Parreiras e seus modelos no atelier em Paris”.  
Fotografia pertencente ao álbum de Moysés Nogueira da Silva, Álbum de fotografias de artistas brasileiros e estrangeiros. Acervo da Fundação Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro

**Editoras**

CEFET/RJ  
DezenoveVinte

**Correio eletrônico**

dezenovevinte@yahoo.com.br

**Meio eletrônico**

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no IV Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700 Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi,  
039 Isabel Sanson Portella, Rosangela de Jesus Silva (organizadores).– Rio de Janeiro:  
CEFET/RJ, 2017. II.  
346 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-012-9

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Ateliê. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II.  
Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel Sanson. IV. Silva, Rosangela de Jesus. V. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-012-9





# O ateliê de pintura de Honório Esteves

Ricardo Giannetti <sup>1</sup>

A partir do último quartel do século XIX, a história da arte brasileira passa a registrar um movimento significativo de artistas, naturais de diversas províncias do país, os quais, após terem cumprido suas formações em centros artísticos mais desenvolvidos – principalmente na Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro e, em muitos casos, complementadas em estágios na Europa –, retornam às terras de origem, para ali construírem suas trajetórias profissionais. Considerando as limitações socioculturais e condicionantes pessoais que influíram em cada uma dessas carreiras artísticas, verificadas nas diferentes regiões do país – assunto que está por merecer estudo de cunho aprofundado –, podem ser citados os nomes dos pintores: Honório Esteves (1860-1933), Hyppolito Caron (1862-1892) e Alberto Delpino (1864-1942), em relação à Minas Gerais; Almeida Júnior (1850-1899), Benedicto Calixto (1853-1927) e Pedro Alexandrino (1856-1942), em relação à São Paulo; Manoel Lopes Rodrigues (1860-1917) e, posteriormente, Presciliano Silva (1883-1965), em relação à Bahia; Rosalvo Ribeiro (1867-1915), em relação à Alagoas; Jeronymo de Telles Júnior (1851-1914), em relação à Pernambuco.

Outros artistas, conquanto não tenham voltado a viver de imediato, ou de forma permanente, nas suas províncias/estados natais, por apresentarem contribuições fundamentais aos respectivos meios culturais de origem, devem ser mencionados: Theodoro Braga (1872-1953), em relação ao estado do Pará; e Pedro Weingärtner

---

<sup>1</sup> Pesquisador independente, Minas Gerais, Brasil.

(1853-1929), que, após longas estadas em diversas cidades europeias, e constantes passagens pelo Brasil, retornou definitivamente ao Rio Grande do Sul em 1920. Ainda, caso a ser destacado em estudo voltado para o tema, será o do pintor norueguês Alfredo Andersen (1860-1935), que, ao se estabelecer no Brasil, em 1892, dedicou toda sua vida profissional à pintura, ao ensino e ao desenvolvimento das artes do Paraná.

Esse reposicionamento, ou retorno às origens, empreendido pelos artistas até aqui citados como exemplos, não é de fato perceptível quando são examinadas as trajetórias de representantes das gerações imediatamente anteriores, da mesma forma oriundos de diferentes províncias brasileiras, nas quais figuram, por exemplo, Manuel de Araújo Porto-alegre (1806-1879), Victor Meirelles (1832-1903), Pedro Americo (1843-1905), e, mais tarde, Belmiro de Almeida (1858-1935). Por circunstâncias próprias, nenhum desses artistas retomou a vida profissional na província natal, tendo, cada um deles, exercido suas atividades artísticas em ambientes mais propícios e de maior projeção, no Rio de Janeiro e nos grandes centros da Europa.

Em Minas Gerais, como mencionado, impõem-se como expressões fundamentais da pintura no período de entresséculos: Honorio Esteves, em Ouro Preto; Hyppolito Caron, em Juiz de Fora – uma trajetória interrompida pela morte prematura; e Alberto Delpino, atuante em Barbacena. O falecimento igualmente prematuro do pintor Antonio de Souza Vianna (1871-1904), natural de Itajubá, – após ter completado os estudos na Escola Nacional de Bellas Artes do Rio de Janeiro e de ter estagiado em Munique, na Alemanha, – impede bruscamente outra carreira promissora.

Excetuando o caso de Souza Vianna, cuja formação se deu na Escola Nacional, durante os primeiros anos da República, quando conquistou o Prêmio de Viagem de 1896, os demais artistas, Honorio, Caron e Delpino, mantêm o traço comum de terem efetuado seus estudos de belas artes no correr do último decênio do regime monárquico. Caron, aluno e participante do grupo do paisagista alemão George Grimm, no Rio de Janeiro, teve oportunidade de completar seus estudos na Europa. Honorio e Delpino integraram, mais exatamente, a última geração formada na Academia Imperial, no período de 1884 a 1889, quando se tornaram colegas nas aulas de Pintura histórica e de Paisagem, em 1887, ministradas por João Zeferino da Costa.

Algumas outras trajetórias devem ser aqui consideradas: do pintor Antônio Corrêa e Castro (1848-1929), natural de Vassouras, Rio de Janeiro, aluno do pintor Arsênio Cintra da Silva, tendo também realizado estudos na Europa, que escolhe viver por alguns períodos em Juiz de Fora nos anos 1890, transferindo-se para Belo Horizonte na década seguinte, onde foi professor de Desenho da Escola Normal; e do decorador e pintor alemão Frederico Steckel (1834-1921), artista que atuou intensamente em sua especialidade na Corte imperial e, posteriormente, nas obras de edificação de Belo Horizonte, a partir de 1897.

### **O ateliê de pintura na construção da imagem do artista**

No presente texto, alguns pontos de interesse da carreira profissional de Honorio Esteves são abordados. Nascido em 1860, no pequeno arraial do Leite, região de

Cachoeira do Campo, recebeu as primeiras letras e noções elementares de desenho em educandários da então capital Ouro Preto, para onde seus pais haviam se transferido em 1862. Somente aos vinte e três anos de idade, em 1884, na condição de beneficiário de uma pensão de estudos oferecida pela Província de Minas, ingressou na Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro, tendo estudado com os professores Victor Meirelles, Pedro Americo, João Zeferino da Costa e Rodolpho Amoêdo, responsáveis mais diretos por sua formação.

A resolução posterior de retornar a Ouro Preto, em 1890, uma vez ultimados os cursos, influenciará de forma decisiva seu percurso. Por um lado, ao optar por se estabelecer em certo isolamento geográfico, distante do principal centro artístico do país, Honório se depara com a realidade de ver reduzidas as chances de, eventualmente, conseguir aperfeiçoar seus estudos em academias europeias – meta alcançada por alguns dos seus colegas, dentre os quais, João Baptista da Costa, Fiuza Guimarães e Elyseu Visconti. Por outro lado, diante da responsabilidade de ter que construir o próprio caminho no restrito ambiente artístico provinciano, assume o pintor o encargo de buscar, de forma obstinada, meios suficientes para delinear uma carreira profissional expressiva. Por fim, cumpre com êxito sua trajetória e termina por elevar a arte mineira a um patamar de qualidade ainda não alcançado no século XIX.

A substanciar a assertiva está o fato de o artista ter franqueado ao público, logo no correr dos primeiros anos que se seguiram ao seu regresso, o ateliê de pintura de retrato a óleo, localizado à rua do Tiradentes, 28 – um dos principais logradouros da então capital. A partir desse momento, Honório consagra suas atenções à execução de um número significativo de *portraits*, tendo como modelos algumas proeminentes figuras da política mineira e pessoas da sociedade ouro-pretana. O ambiente do ateliê será também adequado para a exibição ocasional, de forma mais íntima, de pequenos estudos de paisagem realizados ao ar livre – gênero praticado com igual intensidade. É pertinente estabelecer, portanto, ter o artista consolidado sua carreira, dando-lhe um cunho decididamente profissional, a partir da instalação do ateliê da rua do Tiradentes.

### **Primeiro período em Ouro Preto (1880-1883)**

Para melhor compreensão do conjunto da obra pictórica de Honório Esteves, que neste breve estudo se esboça, será útil adotar a divisão da sua produção em quatro períodos, cronologicamente ordenados:

- 1º – Primeiro período em Ouro Preto (1880-1883)
- 2º – Período de formação na Academia Imperial das Bellas Artes (1884-1889)
- 3º – O ateliê de pintura em Ouro Preto e a trajetória profissional (1890-1917)
- 4º – Maturidade em Belo Horizonte (1918-1933)

Ficam assim delineados os dois primeiros períodos que abrangem os anos de formação do pintor, compreendidos no correr do último decênio do Império,

inicialmente ainda na Província, e, posteriormente, quando já estabelecido na Corte; o terceiro período, que corresponde ao início da carreira profissional em Ouro Preto, prosseguindo durante as duas primeiras décadas do século XX; e, finalmente, os anos da maturidade, que se desenrolarão em Belo Horizonte, quando Honorio assume a cadeira de professor de Desenho na Escola Normal Modelo.

Nos dias atuais, tem-se conhecimento de um número bastante reduzido de pinturas de Honorio, realizadas no período que antecede à sua formação na Academia Imperial. Contudo, ainda que muito raras, as obras que se conservaram em condições nos permitem intuir qual o âmbito da atuação do artista naquela quadra. São trabalhos que exemplificam as experiências primeiras de um jovem que, ainda isolado em Minas, acalentava no íntimo o sonho de alcançar uma promissora carreira artística.

Aos 19 anos de idade, Honorio publicava na imprensa local, com certo destaque, anúncio no qual se encontram enumerados alguns serviços que então se mostrava apto a oferecer:

*ATENÇÃO – O abaixo assignado presta-se aos trabalhos seguintes: Põe epitaphios em catacumbas, conforme a perfeição exigida, mediante os preços de 8 a 20\$. Olêa mostradores de relógios de parede e de mesa, e colloca novos caracteres mediante os preços de 5 a 8\$000. Concerta machinas de costura por preço commodo. Quem precisar pode dirigir-se Á Fonte d’Agoa Limpa, n. 7. Honorio Esteves do Sacramento.<sup>2</sup>*

O anúncio, veiculado no jornal *A Actualidade*, em 15 de maio de 1879, expõe a maneira determinada com a qual Honorio abria seu próprio caminho e buscava conquistar a confiança da sociedade ouro-pretana, que demandava a cada dia seus serviços. Naquela altura, seu mais importante trabalho foi o de promover a limpeza (reforma e pintura) do Palácio, por convite do vice-presidente da Província, então em exercício, conselheiro cônego Joaquim José de Sant’Anna. A obra teve o propósito de adequar do prédio setecentista, então sede do governo provincial, para receber a família imperial em Ouro Preto, em abril de 1881.

Já inseridos no âmbito de uma produção que se situa além da mera manufatura, são exemplos importantes da sua atuação artística: 1) O quadro *Retrato do Padre Affonso Henriques de Lemos*, datado de 29 de março de 1880, óleo sobre tela, composição bem elaborada na qual se percebe o esforço do pintor na busca da perfeição; desejo contido, todavia, pela limitação de recursos técnicos; 2) A pintura executada no forro do nártex da Igreja Matriz de Santo Antonio do Leite, em 1881, tendo por tema o *Batismo de Jesus* (obra atribuída), sabendo-se que a pintura do forro da nave principal, de maiores dimensões e, com certeza, mais significativa, desapareceu em posterior reforma da casa. Do pequeno trecho que restou preservado, pode-se apreciar uma pintura executada claramente nos moldes de obras dos antigos oficiais-pintores mineiros da época colonial, constantes em inúmeros templos religiosos da região, de pleno conhecimento e do convívio diário do jovem Honorio; 3) Ainda, merece menção a execução da pintura do cenário da peça teatral *O Paraiso Perdido ou O Diluvio Universal*, levada à cena no Theatro Ourepretano, tendo à frente o artista

<sup>2</sup> Atenção. *A Actualidade*, Ouro Preto, maio 1879. p. 4, 15

Fernal, em janeiro de 1881, trabalho de cunho efêmero, que, por sua qualidade, recebeu destaque no texto dos anúncios veiculados na imprensa.<sup>3</sup>

As duas obras de conhecimento visual, aqui mencionadas, realizadas no período inicial da sua formação autodidata, já demonstram a intenção do jovem de se dedicar profissionalmente ao ofício da arte da pintura. Ao lado de outras atuações de relevo, tais trabalhos, certamente, tornaram seu nome conhecido no meio social em que vivia e foram úteis, mais tarde, para instruir e justificar o pedido de uma pensão de estudos que irá submeter à Assembleia Mineira, em 1882. Uma vez aprovado o pedido, nos termos da Lei nº 2.892, de 6 de novembro de 1882, sendo o benefício concedido, a seguir, pelo presidente Antonio Gonçalves Chaves, Honorio Esteves se torna o primeiro e único artista a receber pensão de estudos da província de Minas Gerais.<sup>4</sup>

### **Período de formação na Academia Imperial das Bellas Artes (1884-1889)**

Em agosto de 1883, Honorio Esteves partia rumo ao Rio de Janeiro para estudos preliminares, ainda na condição de aluno amador. Em fevereiro de 1884, ao efetivar sua matrícula na Academia Imperial das Bellas Artes, teve início, finalmente, a mais importante etapa da sua formação. O valor mensal da pensão que receberia da Província fora estabelecido em 60\$000, por quatro anos, o que permitiu ao estudante viver na Corte, muito modestamente instalado, de início, em uma pensão situada à rua do Riachuelo, 60.

Em junho de 1886, Honorio encaminha à Assembleia Provincial um pedido no qual buscava obter a elevação do valor da subvenção mensal. De forma hábil e bem pensada, visando objetivamente o convencimento dos membros da Comissão de fazenda que iriam considerar a matéria, organizou prontamente em uma das salas da própria Assembleia, uma exibição de trabalhos realizados ao tempo dos cursos da Academia Imperial, franqueando assim sua produção à apreciação direta de todos. Desta maneira, ao deixar demonstrado seu aproveitamento nas aulas que até então vinha frequentando na Corte, alcançou parecer favorável, sendo elevada a subvenção para 70\$000 mensais.

Durante o tempo em que cursou regularmente na Academia, Honorio teve oportunidade de passar algumas temporadas ao lado da família, em Ouro Preto. Essas breves estadas, possíveis no período de férias escolares, foram comumente noticiadas na imprensa local por meio de notas que deixam logo transparecer a grande expectativa que se criara, no seio da sociedade ouro-pretana, em torno da sua formação artística na Academia:

*Artista-estudante. – Em goso de ferias, acha-se na Capital o Sr. Honorio Esteves do Sacramento, jovem e esperançoso mineiro á quem a Provincia dá assistencia para estudar na Academia Imperial de Bellas Artes da côrte, cujas aulas theoricas frequenta há deseseis*

3 Theatro Ouropretano. **A Actualidade**, Ouro Preto, p. 6, 22 jan. 1881.

4 Em anotações autobiográficas, Honorio Esteves registra que no mesmo ano em que obteve aprovação do pedido de pensão para estudar na Academia Imperial, também Joaquim Cândido da Costa Senna recebeu o benefício para cursos de engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto.

*mezes. E que frequenta-as com aproveitamento notavel, justificando assim o merecido favor que obteve dos poderes provinciaes, nos assegura o resultado dos recentes exames feitos n'aquella academia, em os quaes o nosso jovem patricio obteve notas lisonjeiras, sendo approved plenamente em mathematicas applicadas e com distincção em desenho geometrico, pelo que felicitamos, á seu estimável pai e digna familia.*

*É bem conhecida entre nós a vocação artistica do Sr. Honorio do Sacramento, e si elle, como esperamos, continuar a estudar e trabalhar com esforço, no futuro poderá tornar-se um pintor distincto, um êmulo talvez de Pedro Americo e de Victor Meirelles, hoje seus mestres laureados.<sup>5</sup>*

\*

*Bellas-artes – Achão-se expostos na vitrina da loja Viuva Rocha & Comp. dois retratos a óleo, tirados pelo alumno mineiro Honorio Esteves do Sacramento. Dizem-nos ser um trabalho digno de ser visto.<sup>6</sup>*

Um dos trabalhos de Honorio que significou bastante para a cidade neste tempo foi a elaboração do desenho do tapa-vento destinado à Matriz de N. S. da Conceição de Antonio Dias, projeto executado pelo hábil marceneiro Miguel Tregellas, em 1885.

Ainda, concernente ao período de formação na Academia Imperial encontra-se uma produção significativa de quadros. Sobressaem, principalmente, os retratos a óleo, trabalhos nos quais, ao lado do aprimoramento técnico adquirido, fica demonstrada a forte tendência do artista para a prática do gênero. Dentre as obras, destacam-se: *Cabeça de estudo* (c.1886), óleo sobre tela, estudo bem executado, deixado inconcluso, todavia; o quadro *Poeta pensador em repouso numa almofada* (1886),<sup>7</sup> óleo sobre tela, expressivo retrato de um jovem, que tem sido ultimamente intitulado autorretrato;<sup>8</sup> *Retrato de senhora* (1886), óleo sobre tela, no qual se vê elaborada a figura de uma jovem senhora ouro-pretana; *Um triste pensativo* (1886), óleo sobre tela, composição sincera da figura de um homem; *A decotada* (1887), óleo sobre tela, trabalho de correta fatura, no qual se comprova a evolução técnica de seus estudos na Academia; *O pastor egípcio* (1887),<sup>9</sup> óleo sobre tela, trabalho devido à aula de Pintura histórica, ministrada pelo professor João Zeferino da Costa.

## **O ateliê de pintura em Ouro Preto e a trajetória profissional (1890-1917)**

Em março de 1890, logo após, portanto, à instalação do regime republicano, Honorio Esteves voltou a residir em Ouro Preto, junto aos familiares, onde passará a maior parte da vida. Em 28 de fevereiro do ano seguinte, foi nomeado professor de Desenho

5 Artista-estudante. **Provincia de Minas**, Ouro Preto, p. 1, 8 jan. 1885.

6 Bellas-Artes. **Provincia de Minas**, Ouro Preto, p. 1, 12 fev. 1885.

7 Integra a Coleção Arquivo Público Mineiro/Museu Mineiro, Belo Horizonte.

8 Na documentação estudada até o momento, não foi localizada nenhuma informação que se refira a algum trabalho do pintor que, na época, tenha sido intitulado autorretrato. Parece adequado conferir a essa obra o título sugestivo *Poeta pensador em repouso numa almofada*, constante da “Relação de quadros do pintor Honorio Esteves”, datada de 6 de agosto de 1952, na qual estão listadas obras que teriam sido cedidas pela viúva do pintor, senhora Leopoldina de Lima Horta Esteves, para compor a exposição realizada na Feira Permanente de Amostras, que comemorou o cinquentenário da cidade Belo Horizonte, em 1947, documento pertencente ao acervo documental do Arquivo Público Mineiro.

9 Coleção Arquivo Público Mineiro/Museu Mineiro, Belo Horizonte.

elementar e Caligrafia na Escola Normal, sob a direção de Thomaz da Silva Brandão. Em 16 de julho de 1892, casa-se com a jovem ouro-pretana Leopoldina de Lima Horta.



Dedicado à execução de pintura de cavalete, a década que se inicia será de grande produção para Honório Esteves. Por essa época, exatamente, instala seu ateliê de pintura de retratos à rua do Tiradentes, 28 e passa a publicar anúncios desta atividade no jornal *O Estado de Minas*, anúncios

**Figura 1** - Retratos a óleo - Honório Esteves. *O Estado de Minas*, Ouro Preto, p. 4, 30 jun. 1894.

mantidos com certa regularidade ao longo de 1894 e 1895 [Figura 1]. Importa observar que o funcionamento do ateliê da rua do Tiradentes se encontra confirmado por meio, basicamente, desta sequência de anúncios veiculados na imprensa. Do espaço de trabalho não se conhece, até o momento, nenhum registro visual, seja fotográfico ou em tela e, da mesma forma, não se tem determinada, com exatidão, a data em que foi franqueado ao público com a finalidade de execução de retratos.

A rua do Tiradentes [Figura 2] foi aberta nos primeiros tempos da povoação de Villa Rica. Seu traçado encontra-se, ainda hoje, exemplarmente conservado: uma rua de extensão não muito longa, estreita e plana. Obedece ao movimento natural da curva de nível, rasgada em uma encosta, tendo a cavaleiro o outeiro da capela de São José. Ladeira abaixo, nos terrenos que prosseguem no dorso do morro, está o vale dos Contos, onde se estabeleceu primitivamente o Horto botânico de Villa Rica.

Ao final do século XIX, a rua do Tiradentes tinha início na altura do prédio da Casa dos Contos e findava no Largo da Alegria. O trecho seguinte, deste largo até o largo do Rosário, conservou, por uma época, ao final do século XIX, o nome São José.<sup>10</sup>

**Figura 2** - Rua do Tiradentes, Ouro Preto. Fotografia, s/d.

O logradouro caracterizou-se por manter preservado, ao longo do tempo, um casario característico de uso misto, residencial e comercial. Em meados do século XIX, mais precisamente em 1867, ainda mantido o nome São José, assim a descreveu o viajante inglês Richard Burton, ao conhecer a cidade:

*Nosso primeiro passeio foi pela Rua São José, logradouro que se dirige para oeste e noroeste, através de muitos altos e baixos. O lugar é clássico. Perto de onde estávamos,*



<sup>10</sup> A alternância de nomes de ruas da cidade motiva, de modo geral, grande confusão. A rua de São José teve seu nome alterado para rua do Tiradentes, e, mais tarde, retornou ao nome São José (atual). O trecho seguinte da rua (hoje rua Getúlio Vargas), além do Largo da Alegria, permaneceu com o nome rua de São José, ao tempo em que o trecho inicial ostentava o nome Tiradentes.

*fica a pequena casa de três janelas onde morou o infelizmente alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes. [...]*

*A Rua São José [...] tem um bom e moderno macadame; contrasta com o resto da cidade, onde os cruéis pedregulhos são semelhantes aos nossos calçamentos com as pedras de carvão; [...]. Esta artéria principal da parte ocidental, o Bairro de Ouro Preto, apresenta os habituais estilos de casas, lojas e armazéns. [...] Os letreiros existem, as tabuletas são raras e canhestras, e as lojas ainda conservam as desprezíveis vitrininhas que são penduradas durante o dia e retiradas à noite. Como todas as casas comerciais ficam ao rés do chão, os alfaiates, sapateiros e demais artesãos trabalham sentados à porta ou junto das janelas, tão baixas que se parecem portas, e empregam metade do tempo conversando com algum amigo que passa. São comuns as lojas de ingleses e há, como é hábito nessas cidades abastecedoras, um pequeno comércio retalhista que vende tudo que é necessário ao tropeiro ou ao sertanejo.<sup>11</sup>*

Conservando-se, durante os anos seguintes, sem alterações representativas, foi esta a fisionomia da rua de São José, como a terá conhecido o jovem Honorio, nos anos da infância e juventude. Já no início da década de 1890, quando o pintor inicia as atividades do seu ateliê no local, a rua contava com alguns dos mais importantes estabelecimentos de comércio, associações e escritórios da capital.

Neste tempo, melhorias estruturais significativas foram introduzidas na cidade. Desde meados de 1889, Ouro Preto já podia contar, finalmente, com benefícios advindos da conclusão das obras do ramal férreo que interligava a estação da cidade à linha tronco central da Estrada de Ferro Pedro II, que partia do Rio de Janeiro, trecho inaugurado pessoalmente pelo imperador, em sua segunda visita a cidade. Fato determinante para a frutificação de muitas iniciativas, a capital mineira passa a receber crescente impulso em seu comércio, bem como nas atividades da pequena indústria, nas especializações do setor de serviços, e em novas propostas de atividades culturais e de lazer.

Merece comentário e, sem dúvida, um olhar de curiosidade, a atuação da Sociedade de Bellas Artes de Londres, que, em 1892, se estabelece temporariamente em Ouro Preto [Figura 3]. Pouco se conhece, hoje, sobre as atividades dessa Sociedade. Com base em informações extraídas dos próprios anúncios, veiculados com destaque na imprensa, tem-se a impressão de que se tratava de uma firma comercial de certo vulto, voltada

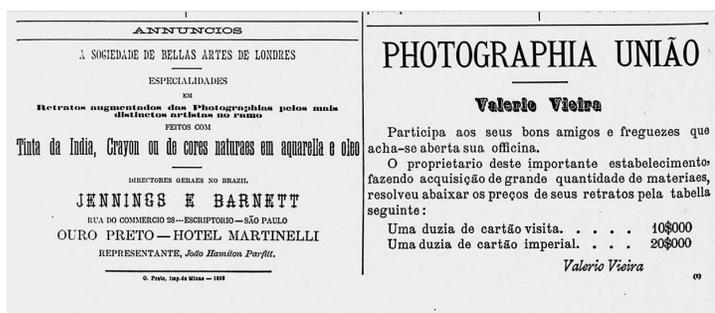


Figura 3 - Anuncios. Minas Geraes, Ouro Preto, p. 8, 20 maio 1892

para a prestação de serviços artísticos e que se empenhava, naquele momento, na ampliação da sua atuação em cidades importantes do país. O serviço estava revestido de uma completa impessoalidade, sendo os artistas executores dos trabalhos referidos, simplesmente, como os “mais distintos do ramo”. A questão era produzir retratos de qualidade, ao que tudo indica, em escala quase industrial. Pode ter sido um negócio

11 BURTON, Richard F. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Tradução de David Jardim. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, p. 290 e 294.

rentável. E, com certeza, representou esta Sociedade de Londres uma concorrente considerável aos ateliês individuais dos pintores de retrato pelo Brasil afora.<sup>12</sup>

Dentre os fotógrafos que trabalharam e se estabeleceram em Ouro Preto, pode-se destacar o nome de Valerio Vieira.<sup>13</sup> Encontrando-se a fotografia em um momento especial de conquistas técnicas e de difusão na sociedade, Vieira manteve ateliê de retrato na cidade, sendo significativa sua contribuição.

Emilio Rouède é outro artista a ser mencionado. O envolvimento do pintor francês com a cidade de Ouro Preto foi, dentre todos aqueles que visitaram a capital neste período, o que mais intensamente se manifestou. Movido por circunstâncias casuais, fugitivo das perseguições políticas deflagradas pelo governo de Floriano Peixoto no Rio de Janeiro, Ouro Preto representou para ele, além de um porto seguro, o cenário ideal, motivador de um número significativo de quadros. Durante o período em que residiu na cidade, entre os meses finais de 1893 e o ano 1894, Rouède manteve ateliê de pintura situado à rua do Caminho Novo. Logo nos primeiros dias de janeiro de 1894 o artista já colecionava cerca de quinze quadros de paisagem, nos quais retratava aspectos da cidade.

Desde abril de 1893, também o pintor Francisco Aurelio de Figueiredo já se tornara mais um visitante ilustre a se aproximar de Ouro Preto. Na companhia de Alfredo Camarate, Coelho Netto e de outros companheiros, Aurelio presenciou, naquele ano, as solenidades comemorativas da Inconfidência Mineira, em 21 de abril. Em artigo redigido para o *Jornal do Commercio* e transcrito, na íntegra, pelo *Minas Geraes*, argumentando conhecer quase todas as capitais do país, “desde Manaos até S. Paulo,” o pintor comenta nunca ter imaginado ver o que então presenciava em Ouro Preto, segundo suas palavras, “uma cidade situada à margem de uma grande via ferrea, illuminada a luz electrica, e guardando o aspecto inalteravel do principio do seculo XVIII, em que foi fundada!”<sup>14</sup>

Ao retornar à capital mineira em 1894, para uma permanência de algumas semanas, Aurelio de Figueiredo se dedicou, especialmente, à pintura de retratos, tendo publicado uma sequência de anúncios no jornal *O Estado de Minas* [Figura 4]. Quanto à pintura ao ar livre, produziu, diante da paisagem e da arquitetura colonial de Ouro Preto, quadros nos quais



Figura 4 - Retratos a oleo – Aurelio de Figueiredo. O Estado de Minas, Ouro Preto, p. 3, 10 jun. 1894.

<sup>12</sup> Em abril de 1893, a Sociedade de Bellas Artes de Londres, estabeleceu, por meio do mesmo representante comercial que estivera em Ouro Preto, sr. João Hamilton Parfitt, uma agência na cidade de Petrópolis. Desta feita, propagava seus serviços na qualidade de detentora dos “melhores elementos para a execução de todas as classes e stylos de augmentar retratos e que podem garantir a producção de trabalhos de arte verdadeiramente artisticos, em execução sem rival em qualquer parte da Republica, dos pinceis de alguns dos melhores artistas neste ramo da profissão.” *Gazeta de Petropolis*, Petropolis, p. 3, 22 abr. 1893.

<sup>13</sup> Ver Figura 3.

<sup>14</sup> FIGUEIREDO, Aurelio de. Ouro Preto. *Minas Geraes*, Ouro Preto, p. 4, 16 maio 1893. O artigo fora publicado originalmente no *Jornal do Commercio* sob o título “Impressões de Viagem”.

estão demonstradas sua sensibilidade e sua capacidade técnica para o gênero. Dentre os trabalhos: *Ponte de Antonio Dias*; *Casa de Marília de Dirceu*; *Casa dos Contos*, a *prisão de Claudio Manoel*; *Igreja de São Francisco de Assis*; *Casa dos Inconfidentes*, na *encosta do morro do Cruzeiro*.

Ao tempo da estada do pintor Aurélio de Figueiredo em Ouro Preto, Honório Esteves publicava, como mencionado anteriormente, no mesmo jornal *O Estado de Minas*, anúncios do seu ateliê de pintura, com destaque para a execução de retratos. Por seu trabalho constante, Honório conquista notoriedade e, dentre os quadros que produz no período, estão os retratos do Marechal Floriano Peixoto (1894) e dos primeiros presidentes republicanos de Minas Gerais, José Cesário de Faria Alvim Filho, Affonso Augusto Moreira Penna, Chrispim Jacques Bias Fortes – obras que passam a compor o acervo do Palácio.

O pintor dedica-se a retratar, também, em número significativo, políticos e pessoas da sociedade ouro-pretana: *Retrato do coronel Felipe de Mello*, comandante geral da Brigada Policial do Estado; *Retrato do comendador Mattos Gonçalves* (1892); *Retrato de Henrique Diniz* (1893), deputado e secretário de governo; *Retrato de Silviano Brandão* (1893); *Retrato do coronel Amaro Francisco de Moura* (1894); retratos das irmãs *Violeta de Mello Franco* (1896) e *Dália de Mello Franco* (1896); *Retrato de Ritinha Soares*; *Retrato de Yaya Magalhães*.

Além de retratista, Honório se torna, a partir dos anos 1890, um reconhecido pintor de paisagem, elegendo como principais motivos a arquitetura da cidade de Ouro Preto, seus arrabaldes e outras regiões mineiras. Neste gênero, merece destaque a grande vista da cidade, *Panorama da freguezia de Antonio Dias* (1893), óleo sobre tela, obra na qual Honório mantém proximidade com trabalhos do gênero, da lavra

**Figura 5** - Honório Esteves (1860-1933), *Panorama de Antonio Dias*, Ouro Preto, 1893. Reprodução estampada no *Jornal do Commercio*, Juiz de Fora, p. 1, 8 abr. 1897.

do seu professor Victor Meirelles; sabendo-se que, o período inicial de sua estada como estudante no Rio de Janeiro, 1885, coincide com a época da execução por Meirelles dos quadros preparatórios que resultariam no imenso panorama circular da cidade do Rio de Janeiro. O quadro *Panorama da freguezia de Antonio Dias* esteve exposto em Ouro Preto, em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro, tendo pertencido à coleção do conselheiro Francisco de Paula Mayrink.<sup>15</sup> Em 1897, uma reprodução fotográfica do quadro foi estampada na primeira página do *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fora. [Figura 5].



Igualmente relevantes, podem ser mencionados os quadros, datados de janeiro e fevereiro de 1894, nos quais Honório pintou aspectos do arraial de Bello Horizonte,

15 Francisco de Paula Mayrink (1839-1907) foi um importante financista, empreendedor atuante em variados segmentos de negócios, conselheiro do Império e político. Em 1889, tornou-se proprietário da residência que pertenceu à família do barão de Nova Friburgo. Adquirida pelo Governo Federal, em 1896, ali se instalou o Palácio do Catete, hoje Museu da República.

verdadeiros documentos iconográficos do local que em breve tempo iria desaparecer para implantação da nova capital: “Panorama de Bello Horizonte; Vista do arraial de Bello Horizonte, mostrando a famosa serra da Piedade, a rua do Sabará e a antiga Igreja Matriz; Panorama de Bello Horizonte – antigo Curral d’El-Rey, antes da construção da cidade actual.”<sup>16</sup>

Na época em que Honório se dirigiu ao arraial de Bello Horizonte, em janeiro de 1894, com o propósito que realizar esses registros pictóricos, houve comentário na imprensa de que o pintor faria estudos e colheria material suficiente para a composição futura de um panorama circular, o que de fato terminou não realizando. Além dos mencionados quadros, hoje no acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, existe uma série de pequenos estudos e manchas, tomados do natural, nos quais fixou o cenário original do arraial: *Residencia do Snr. José Vaz no Largo do Rosário; Capella de N. Senhora do Rosario no Bello Horizonte; Morro do Cruzeiro, ponto de observação para o grande planalto escolhido para a construção da Capital de Minas; Matriz e rua Deodoro, ao fundo a serra do Curral; Rua Deodoro e residencia de um antigo Vigario, Bello Horizonte, Minas*. Pintados em pequenas tábuas de madeira, alguns desses estudos foram ampliados em versões definitivas, em telas de maiores dimensões. Apesar de servirem a esse propósito, com a praticidade de serem transportados para o campo acomodados dentro de caixas de material, todos os quadrinhos mereceram do pintor cuidados minuciosos de composição e acabamento. A prática habitual de fazer anotações nos versos dos quadros tem o mérito de sempre documentar a exata localização do motivo retratado.

Em abril de 1895, Honório empreende uma pequena excursão à região do arraial do Leite, sua terra natal, e à Cachoeira do Campo, locais onde se detém para pintar a paisagem. Desta ocasião, estão datados: *Casa velha no arraial do Leite* (1895), representando a casa rústica que pertencera a seus avós paternos; e uma série de cinco pequenos quadrinhos, nos quais registra o início das obras de adaptação e ampliação que então se promoviam no prédio setecentista do antigo Quartel de Cachoeira do Campo, transferido recentemente pelo governo mineiro aos padres salesianos para a instalação do Colégio Dom Bosco.

Naqueles anos, Honório também trabalhou intensamente diante da paisagem urbana de Ouro Preto e de outras localidades próximas. Além do já mencionado *Panorama da freguesia de Antonio Dias*, destacam-se os pequenos quadrinhos: *Alto da Figueira* (s/d.); *Alto da Cruz* (1894); *Ponte do Xavier* (1895); *Jazida de argila de tinta* (1899); *Fazenda do Manso* (1899); *Saramenha* (1899); *Capella de São José vista da ponte do Rosário* (1899), *Residencia de José Pedro Xavier da Veiga* (c.1899).

Em janeiro de 1900, o quadro do pintor Leopoldino de Faria, *Resposta de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), ao Desembargador Rocha, no ato da comutação de pena aos seus companheiros, depois da missa*,<sup>17</sup> de propriedade da extinta província de Minas e mais tarde do governo estadual, que estivera exposto no antigo Palácio da ex-

<sup>16</sup> As três obras pertencem ao acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte.

<sup>17</sup> Acervo da Câmara Municipal de Ouro Preto, Minas Gerais.

capital, foi cedido para a Câmara Municipal de Ouro Preto. A obra fora adquirida ao pintor Leopoldino de Faria, em dezembro de 1881, pela importância de 14:000\$000. Coube a Honório Esteves, por ocasião da transferência, a incumbência de executar a restauração da tela.

Esse é um período em que Honório Esteves mantém regularidade em sua produção, a qual, em seu conjunto, atinge um alto patamar de correção e qualidade. Nas duas décadas finais do século XIX e durante as duas iniciais que abrem o século XX, sua obra consolida-se como a mais significativa expressão da pintura moderna em Minas Gerais.

### **O ateliê como espaço de criação: formas de expor e de comercializar**

Em atividade permanente no ateliê, o pintor lançou mão das mais diversas formas de expor e comercializar os quadros que produzia. Os retratos de encomenda eram realizados em sessões no ateliê, diante do modelo, ou tirados de fotografia. Para a comercialização dos retratos ditos oficiais, destinados aos recintos do Palácio, Honório utilizava a forma de subscrição pública, como a que pôs em curso, com sucesso, em 1894, no caso do *Retrato do presidente Affonso Penna*, com o qual foi agraciado o ilustre retratado.

Em 1893, interessado na realização de um trabalho de pintura histórica, obra de maior vulto, Honório tomou a iniciativa de encaminhar à Comissão de requerimentos do Congresso Mineiro um pedido, no qual propunha a execução da pintura de um quadro de grandes dimensões, representando o ato solene da Promulgação da Constituição Mineira, mediante o pagamento de 33:000\$000, valor dividido em três parcelas. Todavia, não obteve o pintor qualquer êxito nesse encaminhamento. O pedido foi sumariamente rejeitado e mandado arquivar, conforme parecer do relator da comissão de requerimentos, sr. Silva Fortes, sob o inabalável e contundente argumento de “ser inoportuno o pedido e ter o Congresso outras questões mais importantes a tratar”.<sup>18</sup> Atitudes como esta, vindas do Poder Público, indicam o difícil percurso a ser cumprido pelo profissional da arte, que necessitava exercer seu ofício em um ambiente cultural estreito e provinciano como o de Minas Geraes.

Da mesma forma, em 1894, os três quadros principais da sua lavra que retratam o arraial de Bello Horizonte, pintados antes do início das obras da futura capital, tiveram suas aquisições, pelo valor de cinco contos de réis, negadas pelo Congresso. No mesmo ano, pedido semelhante do pintor Emílio Rouède para aquisição do quadro *21 de abril*, no qual se vê retratada a cerimônia de inauguração da estátua de Tiradentes, será rejeitado. Em 1896, também receberam pareceres negativos: uma proposta do pintor Aurelio de Figueiredo, para retratar a Promulgação da Constituição Mineira e, mais uma vez, novo pedido de Honório Esteves para a realização de dois retratos do Marechal Floriano Peixoto, semelhantes ao que já se encontrava exposto no salão de honra do Palácio do Governo, sendo um destinado à sala de sessões da Câmara e outro à sala de sessões do Senado.

---

<sup>18</sup> Minas Geraes, Ouro Preto, p. 2, 30 maio 1893.

Não contando a cidade de Ouro Preto com espaço físico adequado para exposição de pintura, tornou-se prática comum fazer uso das vitrines de lojas para exhibir, com visibilidade privilegiada, alguns trabalhos mais significativos. As casas comerciais Ferreira Real & Comp. e Fonseca, Cesar & Comp., situadas à rua do Tiradentes, tornaram-se, por esse tempo, locais tradicionais de exibição de quadros em suas vitrines.

Para Honório, bastava, portanto, transportar seus quadros do ateliê, ali mesmo localizado, para um lado ou outro da rua. Assim expostos, com maior destaque, os quadros chamavam logo atenção, sendo vistos por um bom número de pessoas que circulavam diariamente pela cidade. Essas lojas, cada uma voltada para seu setor de negócio específico, comercializavam também, além de outras promoções, bilhetes para teatro e espetáculos, prestando, em resumo, certos serviços ao público. Desta forma, mantinham seus nomes em permanente evidência, vinculados às atividades de interesse do público.

Foi o que se deu, por exemplo, por ocasião da exposição do quadro *Panorama da freguezia de Antônio Dias*, exibido na vitrine casa comercial Fonseca, Cesar & Comp., em julho de 1893, tendo realizado o jornal *Minas Geraes* a cobertura jornalística do acontecimento, conforme comentário do resenhista que, com antecedência, visitara o ateliê do artista:

*Por delicado convite do nosso estimavel e distincto conterraneo sr. Honorio Esteves, fomos hontem a seu atelier de pintura onde nos foi mostrada uma bella e numerosa collecção de pequenos quadros a oleo, representando, em sua maior parte, pontos de vista, edificios e paizagens ouro pretanas. [...]*

*Dentre os trabalhos que vimos, destaca-se uma vista panoramica da freguezia de Antonio Dias, muito agradavel no seu conjuncto e de optimo effeito, na qual vê-se representada uma grande parte da cidade com escrupulosa exactidão e fidelidade.*

*Sabemos que o sr. Honorio Esteves vai hoje expor este quadro na casa commercial dos srs. Fonseca, Cesar & Comp<sup>a</sup>. Ahi poderá ser elle convenientemente apreciado, e estamos convencidos de que não faltarão ao conhecido e intelligente artista ouro-pretano os elogios dos entendidos na bella arte a que se dedica com tanta aptidão e que, tudo leva-nos a crer, ha de no futuro trazer-lhe ainda maiores triumphos.<sup>19</sup>*

Por muitos anos, Honório manteve a prática de expor em vitrines de lojas do comércio em Ouro Preto e, em muitas ocasiões, realizou mostras desta natureza também no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Juiz de Fora. Nesta cidade, especialmente, o artista pôde encontrar melhores condições e espaços expositivos mais favoráveis para a realização de mostras de pintura de maior vulto, como as que se deram em 1893 e em 1907, as mais significativas exposições que o pintor logrou organizar no período.

Assim, naquele ano de 1893, em seguida à mencionada exibição do *Panorama* em Ouro Preto, foi levada a efeito uma bem sucedida exposição em Juiz de Fora, entre 16 a 22 de julho. Realizada na sala principal da redação do jornal *O Pharol*, contou a exposição com vinte e nove quadros, quase todos representando trechos de paisagens

<sup>19</sup> Artista Mineiro. *Minas Geraes*, Ouro Preto, p. 7, 8 jul. 1893.

de Ouro Preto, sendo o principal destaque, exatamente, a tela *Panorama*. No correr dos dias, o evento adquiriu ainda maior destaque na imprensa local devido à intensa frequência da exposição e ao sucesso alcançado, tendo sido registrado a venda de um número significativo de quadros. Encerrado o período expositivo, Honório Esteves retornou a Ouro Preto.

Por coincidência, outro acontecimento artístico importante se deu em Juiz de Fora, ainda no dia 27 de julho: nesta data chegava à cidade o pintor Pedro Americo, para cuidar da exposição do quadro *Tiradentes supliciado*, no salão da Câmara Municipal, obra que seria adquirida, posteriormente, pela Municipalidade.<sup>20</sup> Pedro Americo permaneceu em Juiz de Fora até 31 de julho.

Ainda, no último trimestre deste mesmo ano, Juiz de Fora contaria com uma exposição de quadros do pintor Francisco Aurélio de Figueiredo, irmão de Pedro Americo. Esses acontecimentos artísticos, compreendidos no curso do ano 1893, demonstram a intensa atividade cultural da cidade de Juiz de Fora e sua melhor estrutura para receber e apreciar tais eventos, de forma mais expressiva, sem dúvida, do que se obtinha na capital Ouro Preto.

Em 31 de março de 1894 Honório expôs, novamente na casa comercial Fonseca, César & Comp., a tela *A Instituição do Eucharistia*. A venda deste quadro foi efetuada por meio de rifa, tendo sido o sorteio levado a efeito por meio da extração da Loteria Nacional, em 19 de julho. Trata-se de um trabalho de grandes proporções, reproduzindo a obra do pintor italiano Paolo Veronese, então conhecida no Brasil somente por meio de litografias em pequeno formato.

## Os primeiros anos do século XX

A produção de Honório Esteves, empreendida no final do século XIX e nos primeiros anos do XX, demonstra, cada vez mais, o seu interesse na realização de registros de paisagens e aspectos da cultura de Minas Gerais. Ao lado das exposições individuais que promove regularmente, tem-se também a participação do artista em algumas exposições coletivas importantes, no âmbito nacional e internacional.

A primeira delas, a exposição de arte realizada no Palacete Steckel, em Belo Horizonte, em 1901, a primeira mostra coletiva realizada na nova capital, organizada por iniciativa do pintor e decorador Frederico Steckel. Notada por Arthur Azevedo em sua visita à cidade, resumiu assim o escritor suas impressões:

*Naquelle dia rematei as minhas excursões visitando uma curiosa exposição de pintura, desenho e gravura, organizada pelo velho artista Steckel no palacete a que deu seu proprio nome – Palacete Steckel – salon obrigado de todos os bailes, concertos e conferencias litterarias. [...]*

*Entre os expositores figurava Honorio Esteves, pintor mineiro, residente em Ouro Preto, e muito conhecido em todo o Estado. Aqui no Rio ninguem o conhece. Pois é, afianço lhes, um paizagista que tem o sentimento da natureza. Não sei porque não tem mandado*

---

20 A obra de Pedro Americo integra o acervo do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.



*alguma cousa ás exposições annuaes da nossa Escola de Bellas Artes.*<sup>21</sup>

Algumas obras do período são: *Retrato do doutor Campos Salles* (1900), pastel, trabalho exposto no Rio de Janeiro; duas pequenas aquarelas *Vistas do Itacolomy* (1901); *Villa Rica ou Amanhecer em Ouro Preto* (1903), óleo sobre madeira, trabalho que pertenceu à Coleção Djalma da Fonseca Hermes; *Retrato de doutor Peter Wilhelm Lund* (1903),<sup>22</sup> pastel sobre cartão, obra enviada à Exposição Universal de Saint Louis, em 1904; *Retrato de José Pedro Xavier da Veiga* (1903),<sup>23</sup> pastel sobre cartão, retrato póstumo [Figura 6]; *Uma pagina interessante* (1904), carvão sobre papel, ilustração publicada

**Figura 6** - Honório Esteves (1860-1933), *Retrato de José Pedro Xavier da Veiga*, 1903. Pastel sobre tecido, 56,5 x 41 cm. Coleção Arquivo Público Mineiro/Museu Mineiro, SUMAV/SEC, Belo Horizonte.

na revista *Kósmos* (anno I, n. 8, 1904); *Cozinha da roça, Minas* (1905), aquarela de refinada realização.

Nos anos 1904 e 1906, participa das Exposições Gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro. Expõe pinturas de paisagem e retrato, sobressaindo *Estrada de Jurujuba*, mencionada por Gonzaga Duque na crônica “Salão de 1904”, revista *Kósmos*, anno I, n. 9, 1904. Ainda em 1904, ao lado dos pintores Alberto Delpino e Frederico Steckel, Honório integra como expositor a representação de Minas Gerais na Exposição Universal de Saint Louis de 1904, nos Estados Unidos, tendo feito o envio de quarenta e seis obras – sem dúvida, um dos momentos de afirmação da arte mineira.

Em janeiro de 1907, ao retornar de uma estada no Rio de Janeiro, onde residira temporariamente, Honório se estabelece por alguns meses em Juiz de Fora. Dedicase a produzir pinturas que retratam aspectos da cidade e realiza, mais tarde, uma significativa exposição. É um período especialmente fecundo de criação do pintor. Como principal atração da exposição constava a tela *Panorama de Juiz de Fora, vista tomada detras do Collegio Grambrery, apanhando o morro do Imperador e os principaes edificios da cidade*, obra que seria adquirida pela municipalidade, em 1912, sendo então instalada na sala de sessões da Câmara. Também mereceram destaques: *Retrato de Cesario Alvim*; *Chacara Frederico Daibert*; *Praia da Boa Viagem (Niteroi)*, em 14 de julho de 1905; duas aquarelas retratando a praia de Jurujuba; *Baia da Guanabara*; *Praia do Icarahy ao pôr do sol*; *Paineira detrás da Academia do Commercio*; *Nas três pontes*; *Palacete Teixeira Leite*; *Olaria de Marianno Procopio*. Encerrada a temporada

21 AZEVEDO, Arthur. Um passeio a Minas. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, p. 2, 14 dez. 1901.

22 Coleção Arquivo Público Mineiro/Museu Mineiro, Belo Horizonte.

23 Coleção Arquivo Público Mineiro/Museu Mineiro, Belo Horizonte.



**Figura 7** - Honório Esteves (1860-1933), *Panorama de Ouro Preto, vista tomada do adro da igreja de S. Francisco de Paula*, 1908. Óleo sobre tela, 81,5 x 116 cm. Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte.

*de S. Francisco de Paula, das 3 às 5 da tarde, representando os principais edifícios históricos da Inconfidência Mineira e a Serra do Itacolomy ao fundo* (1908) [Figura 7]; *Panorama de Juiz de Fora, vista tomada detras do Collegio Grambrery, apanhando o morro do Imperador e os principais edifícios da cidade*; *Vista da rua da Estação e da Casa da Inconfidencia, tomada das escadas do Adro de S. Francisco de Paula* (pequeno estudo, pertenceu ao escritor Coelho Netto); *Cortume de couro de João Vidal* (Itabira do Campo), quadro ofertado aos reis da Bélgica, em visita ao Brasil, em 1920; *Serra do Curral de Bello Horizonte*.

Em 1911, como parte dos eventos que celebram o bicentenário de Ouro Preto, Honório prepara gravuras em água-forte, impressas em cartões comemorativos, retratando o monumento de Tiradentes, a figura do inconfidente Thomas Gonzaga e o brasão de Ouro Preto.

Boa repercussão alcançou o pintor ao organizar uma exposição em Belo Horizonte, em janeiro de 1913, no *Atelier Belém*. Dentre os quadros apresentados figurava a tela *Panorama de Ouro Preto*. Outras seguintes obras fizeram parte da exposição: *Casa do Conselheiro Affonso Penna em Santa Bárbara*; *Lavras do Veloso*; *Retrato de Floriano Peixoto* (pastel); *Um tipo de camponesa* (pastel *d'après nature*);<sup>24</sup> *O celebre chafariz do largo do Liceu*. Algumas dessas obras constaram na Exposição Universal de Saint Louis, em 1904.

Em 1917, por iniciativa e organização do pintor Anibal Mattos, que passara a residir em Belo Horizonte, realizou-se a 1ª Exposição Geral de Belas Artes de Minas Gerais, nos moldes aproximados dos eventos do Rio de Janeiro. A Exposição esteve instalada no Palácio do Conselho Deliberativo, onde foram dispostas as divisões dos setores de Pintura, Arquitetura e Escultura. Honório Esteves expôs as obras *Typo Nacional*

<sup>24</sup> Trata-se, provavelmente, da obra *Camponesa de Minas*.

(pastel) e *Trecho de Estrada de Ferro*, ambas pertencentes à coleção de Raymundo Felicissimo.

Em junho de 1919, aconteceu, no mesmo local da Exposição anterior, a Segunda Exposição Geral de Belas Artes, promovida pela Sociedade Mineira de Belas Artes, entidade da qual Honório Esteves fora um dos fundadores, em 1918, ao lado de Aníbal Mattos, Francisco de Paula Rocha, José Jacinto das Neves, Olindo Belém e de outros artistas. Honório compareceu nesta oportunidade com onze quadros, tendo destaque *Curtume de João Vidal em 1907; Alto da rua Alagoas; Cachoeira do Tombadouro; Boeiro da rua Tomé de Souza, Belo Horizonte* (fusin), *Camponesa* (pastel).<sup>25</sup> Nesta época, o artista já residia em Belo Horizonte e era professor de Desenho na Escola Normal Modelo. Dedicava muito do seu tempo ao ensino, à fabricação de inventos e, um pouco menos, à pintura.

Em junho de 1928, realizou-se a IV Exposição Geral de Belas Artes de Minas Gerais. Dentre obras de muitos jovens artistas que a integraram, Honório Esteves apresentou alguns quadros antigos, tendo sido acolhido com especial reverência pela imprensa que cobriu o evento.

### **Presença de Honório Esteves**

Ao retornar a Ouro Preto, em março de 1890, Honório Esteves passa a integrar uma sociedade na qual as lideranças republicanas, recentemente alçadas ao poder, se esmeravam em promover, a partir da capital mineira, uma nova pauta de conceitos políticos, sociais e culturais. Contudo, para uma boa parte da população da velha cidade, será aquele um momento de impasse e contradição; de confronto entre os ideais de progresso e o sentimento arraigado da tradição; um tempo, enfim, no qual a realidade se apresenta de forma ainda mais aguda diante da iminente perda da condição de sede do governo proposta pela classe dirigente – o que se concretizará, efetivamente, em 12 de dezembro de 1897, quando é inaugurada a capital Belo Horizonte.

Sem que tenha se engajado em qualquer tendência específica, Honório Esteves assumiu, em processo natural e contínuo, posição de destaque na comunidade ouro-pretana, por meio das suas atuações efetivas como artista, educador, professor de desenho, inventor e, por anos seguidos, como o principal defensor do patrimônio artístico e histórico da cidade colonial. Por meio de ações pioneiras no âmbito do Estado, o artista, então recém-formado pela Academia Imperial, movido pela consciência do real significado das artes na história de Minas, conhecimento alicerçado com clareza por meio dos estudos artísticos que empreendera, propalou a urgência da prática sistemática de conservação do patrimônio artístico setecentista e de uma postura cidadã de respeito ao bem comum.

Nos anos iniciais do período republicano, juntamente com a supressão do simbolismo que revestia o título “Imperial Cidade do Ouro Preto,” mantido desde 1823, foram também desaparecendo, inevitavelmente, pouco a pouco, algumas

---

<sup>25</sup> Novamente, a mesma *Camponesa de Minas*.

figuras fundamentais do pensamento e da cultura do velho regime, como o foram, por exemplo, o escritor Bernardo Guimarães, falecido em 1884; o influente político e religioso, conselheiro cônego Joaquim José de Sant'Anna, falecido em abril de 1890; o professor Claude-Henri Gorceix, fundador e diretor da Escola de Minas, criada em 1876, da qual se afasta definitivamente em outubro de 1891. Nos dias que se inauguram, abrem-se os caminhos para aqueles que irão conduzir a história de Minas rumo ao novo século. Neste feito, ao lado do pintor Honorio Esteves, dentre outros que despontam, estão os historiadores Diogo de Vasconcellos e José Pedro Xavier da Veiga; o escritor Affonso Arinos; os professores Joaquim Candido da Costa Senna e Thomaz da Silva Brandão; o poeta Alphonsus de Guimaraens.

Honorio Esteves se dedicou à pintura, de forma contínua, de 1880 a 1933, observando-se épocas em que foi praticada com maior ou menor intensidade. Sua obra mostra-se exemplarmente marcada por sua personalidade, voltada de forma integral para a interpretação e difusão da cultura de Minas, sem encobrir, contudo – no que diz respeito, em uma primeira fase, à concepção e ao resultado alcançado em algumas delas –, uma estreita identidade com a produção de seus professores da Academia Imperial. Com o passar dos anos, sua produção pictórica se ajusta àquela de pintores seus contemporâneos, alguns dos quais do seu convívio desde as classes da Academia, como Elyseu Visconti, Rosalvo Ribeiro e João Baptista da Costa.

Em seus trabalhos de cavalete, o pintor utilizou como suporte a tela, a madeira e o cartão, com predominância para quadros de pequenas dimensões, quase miniaturas, sendo esta uma das características dos estudos de paisagem feitos do natural. Apreciava numerá-los, um a um, segundo algum critério próprio, formando séries de quadrinhos. Somente um ou outro trabalho mereciam versões em suportes de maiores dimensões. Estando em Ouro Preto, preparava, algumas vezes, ele próprio, tintas extraídas de jazidas de argilas situadas nos arrabaldes da cidade, conhecedor que era daqueles terrenos.

Quanto à pintura de retrato, deve-se destacar a qualidade da sua fatura. Desenho íntegro, estudo da luz bem realizado, emprego equilibrado das cores, correta compreensão psicológica e uma meticulosa análise da figura – componentes que favorecem, de imediato, a sensação de inteira sinceridade que emana da sua obra. Com vistas no conjunto dos trabalhos do artista, detendo a atenção nos diversos gêneros que abordou, pode-se afirmar que reside exatamente na pintura de retrato um dos pontos altos da sua realização artística.

Ao lado dos gêneros de pintura mencionados, o artista exercitou continuamente o desenho a grafite ou carvão sobre papel, seja de cunho ilustrativo, ligeiro ou mais detalhado, trabalhos nos quais colhia situações e momentos do cotidiano que julgava de interesse. Em 1888, publicou, no Rio de Janeiro, dois números d'*O Itacolomy, revista caricata e litteraria*, periódico no qual foram veiculados alguns trabalhos ilustrativos. Tornou-se também fotógrafo e editou séries de cartões postais. Praticou ocasionalmente a gravura em metal e, de forma frequente, a aquarela. Elaborou desenhos de inúmeros projetos para peças utilitárias e para seus inúmeros inventos,

muitas vezes construídos em sua própria oficina, tendo-se como melhor exemplo a peça *Alphabeto Chromatico*, prêmio Medalha de Bronze na Exposição Universal de Saint Louis, em 1904.

Por todos esses aspectos, considerando a dimensão cultural que alcançou a obra de Honório Esteves, é justo atribuir-lhe uma importância fundadora no desenvolvimento das artes de Minas Gerais.